

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

TELEVISÃO E HISTÓRIA:
QUE IMAGEM DEVO ENTENDER?

ALANA CAVALCANTI CRUZ

ALANA CAVALCANTI CRUZ

**TELEVISÃO E HISTÓRIA:
QUE IMAGEM DEVO ENTENDER?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal da Paraíba – Campus II, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de História.

Campina Grande-PB

2002

Orientador: Alarcon Agra do Ó

Examinadores:

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu verdadeiro amigo, por sempre está ao meu lado nas alegrias e nas tristezas.

Aos meus pais por me apoiarem nos estudos, procurando sempre me dar o melhor, e por isso nunca deixando atrasar a conclusão deste curso.

Aos meus avôs paternos, Vovó Olívia e Vovô Orleans, pelo carinho que mesmo de longe transmitem, me dando estímulo e acreditando no meu potencial, mesmo quando eu não acreditava.

Aos meus tios, Sid e Sívio por contribuírem nos meus estudos, quando meu pai não podia, sendo também responsáveis por minha vitória.

À minha tia Sídia, pelo carinho e por sempre cuidar de mim como se fosse sua filha.

Ao meu tio Saulo pelas palavras de apoio.

Ao meu tio Eloi pelas conversas sobre atualidades.

À minha prima Raquel por me ajudar na confecção dos recursos didáticos para minhas aulas. E por passar a limpo os meus exercícios, quando não tinha tempo.

Sou muito grata a minha família, pois sempre me ajudaram em tudo que precisei, por isso eu a amo.

Agradeço a turma 98.1, pelo convívio juntos durante essa longa caminhada e lamento por não podermos terminarmos juntos. A todos minhas saudades, nunca esquecerei de vocês!!!!

À minha amiga Nataly, pela ajuda neste trabalho, assim como em muitos outros que fizemos juntas, e que nos fez ficarmos conhecidas como tico e teco.

A todos os professores, pois cada um com seu jeito contribuiu para minha formação.

Ao meu professor Alarcon pela paciência em me orientar.

À minha professora Nilda por não só ser minha professora, mas uma grande amiga.

A todos os funcionários, principalmente a Socorro, Ednalda e Rosa, por sempre me atenderem quando precisava.

Enfim, sou grata a todos, e hoje me despeço com saudades deste curso que me trouxe muitas alegrias.

ÍNDICE

| | |
|--------------------|----|
| APRESENTAÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO I | 2 |
| CAPÍTULO II | 6 |
| CONCLUSÃO | 13 |
| BIBLIOGRAFIA | 15 |
| ANEXOS | 16 |

APRESENTAÇÃO

Não existe nada melhor do que escrever um trabalho havendo uma identificação ao mesmo, para mim foi uma grande satisfação, pois sempre fui conhecida pelos meus colegas e até professores, como uma pessoa que gostava de televisão, mas não sabia como esta poderia me ajudar enquanto historiadora. Portanto, esse meio de comunicação durante tantos anos responsável pelo meu entretenimento, hoje também é, o meu objeto de estudo.

E assim sendo, pretendo pesquisar acerca da viabilidade da união entre a televisão e História, para isso no Capítulo I fizemos uma pequena revisão bibliográfica com autores que discutem sobre o tema televisão e escola e podemos ver que há aqueles que concordam com essa aliança, enquanto outros não.

Após estas leituras, procuramos no Capítulo II refletirmos a partir das mesmas em relação à nossa experiência na Escola Estadual de 1º e 2º Graus – Félix Araújo (Estadual da Liberdade), que dividir-se-á em duas etapas: a primeira propõe-se analisar os questionários respondidos pelos alunos, no intuito de entender como se dá o contato dos mesmos com a televisão e assim entender a possibilidade da ponte televisão e História; em seguida essa análise dar-se-á na prática propriamente dita, na qual se aplicará recursos iconográficos, tendo em vista que a escola não dispõe no momento do uso da televisão, pois a mesma está sendo utilizada pelos estagiários de letras.

Em meio a estas possíveis impossibilidades, o meu objetivo é entender o ensino de História, a partir desse recorte, creio que não será fácil, mas me proponho fazer, pelo menos, algumas indicações sobre o mesmo.

Segue em anexo o meu relato, que descreve minha experiência, a partir da observação, seguido do planejamento e a sua aplicabilidade na sala de aula, ressaltando algum episódio da prática que achei relevante.

CAPÍTULO I

IMAGEM: A EXPLICAÇÃO.

Pesquisas indicam que a televisão é um meio de comunicação muito presente no dia a dia do brasileiro, pois segundo elas o Brasil possui cerca de 34 milhões de domicílios com aparelhos de televisão, o que equivale a 207 televisões para cada mil habitantes. Diante desse fato, podemos compreender que os nossos alunos estão em contato diariamente com programas televisivos, e então nos perguntamos: Como será que eles compreendem as imagens e as idéias propagadas por esse veículo?; Será que os professores de História percebendo o interesse dos seus alunos por filmes, documentários, novelas, mini-séries, poderiam utilizar esses programas, para facilitar o entendimento do assunto exposto? Ou será que este é mais um espaço que a mídia tem para destruir/construir valores?

São muitas as perguntas que temos a fazer diante desse meio tão presente no nosso cotidiano, mas muitas vezes tão distantes de nós, se pensarmos na realidade escolar. Por isso pretendemos com base nos materiais bibliográficos de que dispomos, cujo os autores possuem mais experiência no diálogo entre escola e televisão (embora não haja uma reflexão exclusiva da disciplina História), junto a nossa observação e a prática na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Félix Araújo (Estadual da Liberdade), perceber qual o grau de importância que alunos daquela escola dão a televisão, para assim entendermos se seria possível a união entre história e televisão.

Há diante desse assunto duas afirmações: “Televisão e escola” ou “Televisão x Escola”, dessa forma alguns autores acham viável se utilizar da televisão como um recurso auxiliar na escola, já que esta é bastante assistida, e para isso explicam métodos de como aplicá-la. Mas em contrapartida há outros autores que não concordam com essa união, pois acreditam que esta, é um meio que cria ideologias que só servem para deturpar a idéia que o indivíduo venha a ter na realidade. Por isso a partir de agora segue abaixo, a opinião de diversos autores sobre o uso da televisão em sala de aula, como um meio de comunicação que auxilia ou não o aluno a ter um melhor entendimento de um determinado assunto, para posteriormente podermos analisar a aplicabilidade dessas teorias na disciplina de História.

Marcos Napolitano em seu livro “Como usar a televisão em Sala de Aula”, propõe “... uma espécie de alfabetização que cumpra dois objetivos: a) estimular uma reflexão crítica acerca dos conteúdos transmitidos pela TV e b) incorporar parte dos seus conteúdos e programas como fonte de aprendizado, articulando conteúdo e habilidades.”¹ Sendo assim, cabe ao professor exercitar no aluno um olhar crítico em relação à linguagem televisual, já que segundo ele é necessário que a escola incorpore o material veiculado pela televisão como possibilidade de conhecimento, pois há um preconceito da escola com a televisão, já que a mesma representa a perda de poder da escola. Podemos refletir nessa fala do autor, que tipo de saber a escola está produzindo, para haja a necessidade de uma intervenção da escola nessa instituição? Por que será que esse meio de comunicação representa a perda de poder da escola? Até que ponto o uso da televisão como recurso auxiliar do ensino iria ajudar e/ou atrapalhar a um melhor aprendizado?

Vejamos o que diz Heloísa Penteado sobre esse assunto em seu livro *televisão e escola: Conflito ou cooperação?* “Apesar de dar duas possibilidades ele descreve muito mais cooperações do que conflitos para o uso da televisão na escola, já que segundo ela os alunos são telespectadores de muitas horas diárias, portanto, a televisão pode ser uma aliada da escola, já que a linguagem da escola é muito mais oral e escrita, principalmente esta última, e o resultado disso segundo ela são: “altas taxas de evasão e retenção escolar”², em contrapartida a imagem faz com que a televisão se torne muito mais atraente do que a escola e assim: “A televisão hoje em dia consegue desempenhar de forma mais ampla e melhor que a escola a difusão de informações.”³ A partir do que diz a autora, percebemos que ela comunga praticamente da mesma idéia de Napolitano, contudo ela dá ênfase ao fato da imagem transmitir a mensagem melhor do que a fala e até mesmo da escrita, partindo do pressuposto de que a pessoa aprende muito mais vendo, do que ouvindo ou lendo. É possível acreditar que a imagem ensina mais do que a escrita e a fala? Que leitura uma pessoa pode ter da imagem, tendo em vista que uma informação pode ser dada em menos de 30 segundos?

Mas, falar do uso da televisão na sala de aula, é muito mais do que dizer que é necessário “uma reflexão crítica...” E é por isso que achamos válido o que diz a professora da ECA-USP, Maria Aparecida Baccega, em seu texto, encontrado na Internet, cujo o título é: “Ressignificação

¹ NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a televisão em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 13

² PENTEADO, Heloísa. *Televisão e escola: Conflito ou cooperação?* São Paulo: Cortez, 1991 (Coleção Educação Contemporânea), p. 99

³ Idem 2, p. 113

da escola: a circulação da ideologia”, no qual ela afirma que não só a televisão, mas na mídia em geral circulam ideologias, por isso segundo BACCEGA: “O estudo da ideologia exige que investimentos as maneiras como o sentido é construído usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até as imagens e aos textos complexos”⁴. Por isso, que para ela, a escola precisa ressignificar o seu papel, ensinando a ler adequadamente as formas simbólicas que circulam na mídia, já que a mesma faz parte do cotidiano tanto de professores quanto de alunos. Mesmo com essa preocupação que essa professora tem de que haja uma leitura da ideologia propagada pela televisão, será que esse mecanismo é suficiente para uma melhor aprendizagem?

E compartilhando de um pensamento parecido sobre o assunto, Rosa Maria Bueno Fischer, em seu texto: “Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso”, nos diz que: “Esses espaços estariam sendo extremamente ágeis e refinados em responder a nossas angústias, estariam falando mais enfática e produtivamente às pessoas do que outros lugares, como nossas salas de aulas ou a privacidade de nossas residências”⁵. Dessa forma, segundo ela, a mídia possui uma linguagem que alcança com maior rapidez ao jovem, e conseqüentemente tem uma maior aceitabilidade, em contrapartida a linguagem dos pais ou da escola é vista como disciplinadora, e por isso não tem tanta aceitação. E assim o discurso da mídia vai sendo incorporado pelos jovens como verdadeiro produzindo-se formas de exclusão, querendo criar um jovem modelo, de forma que os que não se enquadram são e se sentem excluídos, mas o que contribuiu para que a mídia chegasse a esse ponto, de tamanha infiltração no cotidiano das pessoas?

São por razões como estas que o filósofo e sociólogo da escola de Frankfurt, Theodor Adorno afirma que a televisão só contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores. Por isto, segundo ele: “Desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros meios de comunicação de massa, converte-se pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fatura de sua oferta daquilo que deveria se construir propriamente como seu

⁴ BACCEGA, Maria Aparecida. *Ressignificação da escola: A circulação da ideologia*. p. 2
www.moderna.com.br/comunicacao/artigos.htm

⁵ SILVA, Luiz Heron (Org). *A escola cidadã no contexto da globalização* – FISCHER, Rosa Maria Bueno, *Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso*. p. 426.

objeto e sua prioridade”⁶. Será que desde a implantação deste meio de comunicação ele atingiu com tamanha expressão à população? O que contribuiu para que isso acontecesse?

Podemos ver que, há diversos estudos que se preocupam em estudar sobre a televisão e a mídia em geral, seja mostrando uma possibilidade de usá-la como recurso auxiliar em sala de aula, ou mesmo criticando as ideologias que são propagadas através dela. Estudos que só mostram cada vez mais, o quanto a televisão está presente no nosso cotidiano. Assim: “O mesmo aluno que encontra na sala de aula como leitor do livro, copiador de mensagens do quadro de giz, ouvinte do professor, é em sua casa, no bar da esquina, no clube-telespectador, radiouvinte, leitor de jornal e revista, usuário de computador de internet e jogador de vídeo-game”⁷, como nos diz Iolanda Bueno C. Cotelejo, em seu artigo: “Computador e interação comunicativa”. E assim vemos que, a mídia está aí, não podemos acabar com ela, e nós enquanto professores precisamos usá-la de maneira mais adequada, não entendo-a a partir de dois extremos, ou como salvadora do ensino de história, ou então condenando-a por criar ideologias que destroem os nossos valores aprendidos em casa, é vermos qual deve ser a melhor maneira de ensinarmos com o auxílio da televisão. E mais do que isso, devemos também desconfiar dessa tamanha infiltração da televisão na escola, percebendo até que ponto isso ajuda ou atrapalha na educação histórica.

⁶ ADORNO, Theodor. *Televisão e formação*. p. 4
www.orbita.estamedia.com.br/~novosdebates/adorno/adorno.10htm

⁷ Idem 4

CAPÍTULO II

IMAGEM: A APLICAÇÃO

Após essa reflexão teórica pretendo, na minha prática, perceber a viabilidade do uso desse recurso na sala de aula, por isso, passarei questionários tanto para aluno quanto para professores, para que eu possa entender o grau de importância que ambas atribuem a televisão. Junto a isso, ao longo das minhas aulas procurarei utilizar recursos com imagens, sejam cartazes com ilustrações, retroprojetor, e até mesmo a televisão e o vídeo se for possível. Dessa forma, pretendo perceber se a iconografia em geral faz com que o aluno entenda melhor um assunto, ou preste mais atenção ao mesmo.

O questionário que passei para os alunos responderem continha as seguintes questões: (Anexo 2).

1. Você gosta da disciplina de História?
2. Você acha que a exibição de filmes, documentários, novelas, mini-séries iriam melhorar o seu entendimento da disciplina de História?
3. Você assiste televisão em casa?
4. Dos programas relacionados abaixo, qual ou quais você mais gosta de assistir? (pode marcar mais de 1).

| | |
|-------------------------|-----|
| Jornal | () |
| Filme | () |
| Mini-série | () |
| Novela | () |
| Programa de auditório | () |
| Programa infantil | () |
| Desenho animado | () |
| Programa de entrevistas | () |

Essas perguntas foram formuladas para que fosse possível, em um primeiro contato com as turmas, perceber se os alunos tinham acesso a televisão, e dessa forma ver a viabilidade da

aliança entre a televisão e a História. Vejamos as respostas da pesquisa feita entre os alunos da 7ª A, 7ª B do ensino fundamental e 2º A do ensino médio.

| QUESTÕES | RESPOSTAS | | | |
|---------------------------|---------------------------------|---------------------|---------------------|-------------------|
| 1 | 7ª Série "A" – 25 Alunos | | | |
| | 22 alunos responderam SIM | | | |
| | 03 alunos responderam NÃO | | | |
| | 7ª Série "B" – 26 Alunos | | | |
| | 22 alunos responderam SIM | | | |
| | 04 alunos responderam NÃO | | | |
| 2 | 2º Ano "A" – 30 Alunos | | | |
| | 13 alunos responderam SIM | | | |
| | 17 alunos responderam NÃO | | | |
| | 7ª Série "A" – 25 | | | |
| | 21 alunos responderam SIM | | | |
| | 04 alunos responderam NÃO | | | |
| 3 | 7ª Série "B" – 26 Alunos | | | |
| | 21 alunos responderam SIM | | | |
| | 04 alunos responderam NÃO | | | |
| | 01 aluno não respondeu | | | |
| | 2º Ano "A" – 30 Alunos | | | |
| | 30 alunos responderam SIM | | | |
| 4 | 00 alunos respondeu NÃO | | | |
| | 7ª Série "A" – 25 | | | |
| | 24 alunos responderam SIM | | | |
| | 01 aluno respondeu NÃO | | | |
| | 7ª Série "B" – 26 Alunos | | | |
| | 24 alunos responderam SIM | | | |
| 02 alunos responderam NÃO | | | | |
| 4 | 2º Ano "A" – 30 Alunos | | | |
| | 30 alunos responderam SIM | | | |
| | 00 aluno respondeu NÃO | | | |
| | PROGRAMA DE TV | 7ª Série "A" | 7ª Série "B" | 2º ano "A" |
| | JORNAL | 14 | 14 | 24 |
| | FILME | 24 | 22 | 24 |
| | MINI-SÉRIE | 14 | 12 | 16 |
| | NOVELA | 15 | 19 | 21 |
| | PROGRAMA DE AUDITÓRIO | 09 | 09 | 17 |
| PROGRAMA INFANTIL | 02 | 07 | 04 | |
| DESEHOS ANIMADO | 14 | 12 | 22 | |
| PROGRAMA DE ENTREVISTA | 11 | 14 | 19 | |

Diante desses resultados, podemos perceber que 99% da 7ª A tem acesso a televisão e mesmo aquele aluno que respondeu que não assistia a mesma em casa, mostrou ainda assim que tinha contato com a mesma, pois todos assinalaram os programas que mais gostavam. Vemos nesta realidade que os programas mais votados foram o filme e a novela, ambos de ficção os quais podem exibir uma vida ideal, temas polêmicos como drogas, violência, relação de pais e filhos, conflitos sociais, ou até mesmo o resgate de um momento histórico. Tendo em vista que a maioria da turma respondeu que gosta da disciplina de história, pois dos 25 alunos apenas 3 responderam não gostar da mesma, e levando em consideração que os temas abordados nestes programas podem tratar não só de assuntos do passado como também atuais, seria possível aos alunos aprenderem com eles? Ou o saber só pode ser instituído através da escola?

Assim como na 7ª A, a 7ª B também mostrou sua preferência por novelas e filmes, mas depois desses programas o outro, ou melhor, os outros mais votados foram o jornal e o programa de entrevistas que obtiveram um empate de 14 votos. Podemos questionar a partir dessas respostas como estes alunos que mostraram interesse por estes programas entendem “a realidade”, que versões sobre um determinado fato ou pessoa ele está incorporando. Como a disciplina de História, através de seu professor, pode ajudar aos alunos a entenderem, que assim como um término de namoro, no qual estão presentes nesta ocasião diversas pessoas, provocando diversas versões para explicação de um mesmo acontecimento, assim também é a História, e os fatores que a compõe, como as notícias jornalísticas ou alguma pessoa que é entrevistada só são exibidas de acordo com os interesses e valores de uma determinada emissora. E esse entendimento a maioria dos alunos não chegam a ter, e devido a isso passam a ter uma visão unilateral dos fatos. Chegando ao professor essas informações, teria ele subsídios para fazer uma análise mais aprofundada diante destas questões? Se a resposta desta primeira pergunta for sim, seria válida essa discussão? Tendo em vista que toda a turma respondeu que gosta de História e que tem o contato com a televisão, mesmo que não seja em casa, pois apenas dois responderam que não assistiam a mesma em casa, mas podem assistir no trabalho, porque estas turmas da 7ª série que estagiei funcionam no período da noite, e a maioria dos alunos trabalham. E assim sendo, esse não seria um recurso que iria despertar um maior interesse dos alunos pela disciplina?

Já no 2º ano que funciona no período da tarde, dos 30 alunos todos afirmam que assistem televisão em casa, embora ao contrário da outra turma não há uma ampla aceitação da disciplina, o resultado foi bem aproximado, pois 17 responderam NÃO e 13 responderam SIM, assim

mesmo há um número significativo que gosta de História. Também, nesta sala a maioria dos alunos mostraram o interesse por novelas, filmes e jornal, mas a resposta que me chamou atenção foi a de 22 votos para o desenho animado e mais ainda porque esse resultado se deu numa turma de científico e muitas vezes imaginamos que só quem assiste televisão são as crianças. O que não é o caso aqui, pois a turma é composta por jovens e adolescentes. Penso que “as aventuras de Asterix e Obelix”, poderiam ajudar quando o assunto da aula fosse as invasões bárbaras, acredito que a partir desse desenho o professor poderia fazer uma discussão vasta sobre o conceito “bárbaro”, como ele foi construído e porque até hoje ele tem essa conotação pejorativa. Outro aspecto que pode ser levado em consideração pelo professor de história, tendo em vista o interesse dos seus alunos por este programa, foi levantado por minha amiga Aleksandra na aula Metodologia do Ensino de História, na qual a terceira unidade serviu para se discutir as monografias da prática e após apresentados como serão conduzidos o trabalho as demais alunas podem dar sugestões, ela sugeriu que era necessário uma orientação por parte dos professores, a cerca dos desenhos japoneses, pois os mesmos estão imbuídos de leituras que partem das filosofias das artes marciais, que muitas vezes são entendidas aqui partindo para o lado da violência.

Assim, vemos que a televisão tem suas limitações como qualquer recurso, que venha a ser estudado como um meio facilitador ao ensino.

Mas há um outro ponto que gostaria de questionar, a respeito do resultado da 2ª questão em todas as turmas que responderam, ou seja, 7ª A, 7ª B e 2º A, as quais demonstraram que a exibição de filmes, documentários, novelas, mini-séries iriam melhorar o seu entendimento da disciplina de História. Então devemos nos perguntar, porque será que isso acontece, será que os discursos dos professores estão tão falhos que é necessário o auxílio da mídia para que um aluno venha a entender o conteúdo. Precisamos pensar sobre isso, e eu pretendo estender minha pesquisa para que sejam possíveis as respostas dessas inquietações e das muitas que virão, pois apesar dos diversos estudos que existem visando aprimorar o aprendizado através da televisão, estes mesmos não fazem uma discussão para que se possa entender o porque é necessário este recurso para um melhor aprendizado por parte dos alunos.

Com esse primeiro contato pude perceber qual a importância que a televisão tem para os alunos. E a partir de agora pretendo elucidar algumas particularidades da minha prática de ensino

que venham a enfatizar e conseqüentemente contribuir para discussões que já foram feitas ao longo deste trabalho.

A segunda aula que apresentei na sétima série A e posteriormente na sétima série B, tinha como assunto a Pérsia e a Fenícia, e para ilustrar a aula levei o retroprojektor de slides (Encarte em Anexo 3), e desde que eu caminhava pelo corredor com o aparelho todos me olhavam, como se quisessem saber que objeto era aquele.

Ao chegar na 7ª B todos também ficaram impressionados com aquela máquina, e um certo aluno me perguntou: “Vai ter filme?”. Como na aula passada a mesma foi expositiva com um esquema no quadro, nesta resolvi amarrar o assunto com as imagens da civilização Pérsia. As pedir ajuda para instalar e encontrar uma melhor posição para o aparelho muita gente se prontificou à me ajudar, e em pouco tempo comecei a expor as imagens, percebendo a atenção dos alunos, o que me surpreendeu, pois na aula anterior, os mesmos não se comportaram.

E assim como na 7ª B, na 7ª A os alunos se empolgaram com a presença daquele aparelho desconhecido, mas ao contrário da série anterior, nesta sala eu ainda não havia adiantado o assunto, portanto o uso do retroprojektor não foi imediato e por este motivo os alunos ficaram inquietos, pois estavam curiosos com o que iam ver. E chegado o momento de utilizar o recurso a curiosidade deles iriam acabar. Desse modo, esta experiência me proporcionou resultados positivos aparentemente, por isso o meu próximo passo foi aplicar um exercício para eles e assim compreender o que eles tinham aprendido.

Um dos exercícios que eles fizeram, tinha o objetivo de saber o que eles tinham aprendido sobre a civilização da Pérsia, por isso o enunciado da questão era: “Escreva o que você entendeu sobre a civilização Persa”. Em um primeiro momento eles não entendiam o que deveriam responder por isso me perguntavam se era um resumo, e de que parte do texto deveriam tirar. Até que um aluno me perguntou se poderia escrever a partir das figuras que tinha visto, e eu prontamente respondi que sim, e quando todos alunos ouviram pediram pra fazer da mesma forma. Um exemplo disso foi a resposta da aluna Rossana Pereira da Silva, que abordou em sua resposta dois temas que foram exibidos em slides, como o fato das pessoas quando morrerem não irem para o cemitério, mas sim para uma torre, cuja a imagem mostra um pássaro que o observava. Outra imagem enfocada por esta aluna foi a que mostrava o culto religioso ao ar livre, pois não havia cemitério naquela civilização. Afirimo que esta resposta teve influência dos slides, porque essas informações não tinham no livro. (Anexo 4)

Mas, nem todos os alunos preferiram responder dessa maneira, já que estão acostumados a fazerem resumos. Como foi o exemplo do aluno Carlos André Silva Fariais, que de certa forma copiou o último parágrafo e uma parte do texto complementar que tratava da religião zoroástrica, pois isto é o que ele entende por resumo. (Anexo 5)

Outro aspecto não satisfatório na aula seguinte das 7^a séries, que tratava da Índia e da China, as quais não levei o retroprojeto, por este motivo os alunos ficaram desanimados, dessa forma não prestaram atenção como nas aulas anteriores. E assim pensamos que se uma imagem estática chamou a atenção dos alunos, imaginem como seria se a mesma tivesse em movimento. Até que ponto a televisão e outras iconografias contribuem para o ensino? Será que a medida que a mídia avança e os estudos se voltam para ela ser um recurso auxiliar, o poder da escola e do professor vão se deslegitimando?

Passamos agora para a minha experiência no 2^o A, nesta turma não utilizei slides, pois não encontrei nada sobre o assunto das reformas religiosas no LABEHG, mas as imagens que utilizei foram fotografias sobre as torturas da Inquisição na Contra-Reforma as quais coleí algumas na cartolina e outras numas folhas para eles irem olhando e passando para o colega (Anexo 6). Como quando toca de uma aula para outra eles saem da sala, coleí o cartaz no quadro, de modo que quando eles foram entrando paravam para observar as figuras dos objetos de torturas.

A partir dessas análises que foram possíveis graças a bibliografia que colhi, junto as respostas dos questionários e da minha experiência em sala de aula, embora curta, mas proveitosa, pude perceber o quanto as imagens contribuem para um melhor entendimento dos assuntos. Isso ao mesmo tempo que me deixa feliz, pois pude dialogar com os textos lidos, os quais afirmavam que a imagem informa melhor e mais amplamente ao contrário da escola. Mas isto também me deixou triste, pois se os alunos só aprenderem a partir de imagem, o aprendizado dos alunos ficará limitado, pois a maioria dos recursos iconográficos que utilizei só foram possível o seu uso por conta da Universidade, porque o retroprojeto foi emprestado pelo LABEHG, e as fotografias das torturas na Inquisição foram conseguidas através da Internet. Esses meios que tive acesso, os professores do estado não tem, e apesar de tentarem inovar em suas aulas os seus recursos são limitados, e por isso temos que pensar outros meios que tornem a aula tão interessante quanto a televisão. Isso seria possível? No momento não tenho como responder, as leituras que tive sobre o assunto me fazem questionar esses problemas que

explícitei, mas preciso de outros materiais que me dêem respostas mais substanciais e por conta do tempo não foi possível estender esta discussão.

Mas, apesar de não ter como responder essas questões, podemos entender como a televisão se tornou tão presente na vida dos brasileiros, pois desde a sua implantação as verbas da publicidade passaram a se destinar principalmente para a mesma, e segundo José Salomão David Amorim em seu texto “Panorama da Cultura de Massa no Brasil”, do ano de 1968:

“Passamos de 120 mil aparelhos receptores em 1954 a 1 milhão e 800 mil em 63. Em 1967 estávamos com 3 milhões e 200 mil aparelhos.”⁸

E devido a esse aceleramento a concorrência da televisão afetou os índices de leitura de livros, freqüências aos cinemas, leitura de jornais e revistas e diminuição de se ouvir o rádio. E assim podemos ver que se naquela época do início da televisão as verbas eram maiores para ela, hoje o índice não é menor, e tendo em vista a alta tecnologia, a presença da televisão na vida dos brasileiros é intensa e por isso merece estudos por parte da educação.

⁸ WRIGHT, Charles R. (Org). *Comunicação de Massa – AMORIM, José Salomão David. Panorama da cultura de massa no Brasil*. Nova York: Bloch, 1968, p. 144.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim deste trabalho, mas ainda temos muito a aprender, pois este é um primeiro passo de um longo caminho que pretendo percorrer. Devido ao curto tempo para produzir esta monografia, não foi possível aprofundá-la, mas espero que na minha próxima etapa acadêmica, concluir ou pelo menos melhorar o problema elucidado ao longo deste.

E apesar da minha inexperiência, tanto na elaboração de um projeto, quanto em sala de aula, acredito ter desenvolvido algo considerável, pois venci meus vários “medos”, medo de não escrever de forma clara, medo de não ser coerente, na escrita deste e em relação à prática temia que os alunos não entendessem o que estava explicando, não prestassem atenção. E ao escrever estas últimas linhas vejo que é possível ultrapassar as barreiras, principalmente a da insegurança, que mesmo estando prestes a concluir o curso, nos aflige. Mas, confesso que não foi fácil, é um processo árduo e cheio de tensões, pois invadimos um universo estranho, nos propondo a analisarmos uma teoria que parecia não ser possível sair do livro.

Mas, parece que conseguimos, pois não nos limitamos a nomear a televisão de um veículo prejudicial aos valores familiares, pelo fato desta muitas vezes fazer com que os alunos não estudem. Nos propomos a muito mais que isso, quando tentamos entender porque a televisão chama tanta atenção e por isso atrai os alunos.

Esse interesse da televisão pelos alunos, não só foi constatado nas pesquisas existentes no livro, mas também na prática da Escola Estadual da Liberdade, na qual só foram possíveis a utilização de recursos de imagem parada, como fotos, slides. Em com isso foi entendido que se com imagens sem movimento foi possível chamar a atenção dos alunos, imaginem se estas estivessem com.

Mas, embora este interesse pela televisão embora não tendo sido possível constatar na prática, foi perceptível nos questionários que os alunos responderam sobre “o gosto pela televisão”. Realidade que embora nos alegre pois não tínhamos a certeza da possibilidade de dialogarmos com a prática sendo refletida pela leitura, nos preocupa porque paramos para refletir acerca do ensino de História, que parece invadido pela mídia, até que ponto isso reflete um avanço? Que tipo de saber os alunos estão internalizando?

Sabemos que a televisão está presente no dia a dia dos nossos alunos, e é normal que algum assunto de História os remeta a um programa de televisão, podendo o exemplo ser conduzido até pelo professor. Será que esse crescimento das mídias interferem no entendimento da História por parte dos alunos? Como o professor está conduzindo o seu discurso a partir desses programas?

São muitas perguntas que precisam ser respondidas e outras que precisam ser feitas, mas apesar desses aparentes problemas existentes quanto ao uso da televisão. Não podemos fugir da realidade de que convivemos com televisão por muitas horas todos os dias, e devido a impossibilidade teórica de responder as questões apontadas, me faz neste momento acreditar que este é um recurso possível para um melhor entendimento da disciplina de História, se for detectado pelo professor o interesse por este meio de comunicação, embora acredite que é preciso investigar a razão de tanta adesão da televisão pelas massas e conseqüentemente a razão do crescimento do número de estudos nessa área: Televisão e Escola.

Agradeço a possibilidade de escrever este trabalho, e espero contribuir de alguma forma para o melhoramento da análise do ensino.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Televisão*

www.orbita.starmedia.com.br/~novosdebates/adorno/adorno.10.htm

BACCEGA, Maria Aparecida. *Ressignificação da Escola: A circulação da ideologia.*

www.moderna.com.br/artigos.htm

PENTEADO, Heloisa. *Televisão e Escola: Conflito ou cooperação?* São Paulo: Cortez, 1991. Por dentro das novelas.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a televisão em sala de aula.* São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Luiz Heron (Org). *A escola cidadã no contexto da globalização* FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso.* Petrópolis: Vozes, 1998.

WRIGHT, Charles R. (Org). *Comunicação de Massa* – AMORIM, José Salomão David. *Panorama da cultura de massa no Brasil.* Nova York: Bloch, 1968.

ANEXOS

ANEXO 1

RELATO

Até chegarmos a prática em si, ou seja, preparar e ministrar aulas, assistimos aulas na universidade com o professor Alarcon, nas quais fizemos discussões de alguns textos que nos daria entendimento do que poderia vir a ser o nosso estágio.

Mas, antes disso, no primeiro dia de aula: oito de janeiro do ano 2002, alguns alunos da turma, inclusive eu, tiveram alguns problemas, já que uma nova lei exigia um aumento da carga horária da prática de 120 horas para 300 horas, portanto as aulas da turma 97.1 em diante estariam com a formatura comprometida. Embora a aflição tanto de nós alunos, quanto a do professor, este nos assegurou que iria encontrar uma solução, para que toda a turma pudesse concluir o curso.

Na aula seguinte, aos dez dias de janeiro, o professor Alarcon, nos apresentou uma solução para o problema citado acima. A Pró-Reitoria propôs a criação de uma disciplina de tópicos, a qual teria seis créditos, e ao longo desta faríamos oficinas que aumentariam a nossa carga horária, e conseqüentemente teríamos a conclusão garantida. Apenas com uma reunião do colegiado teríamos a confirmação.

Enfim, o problema da conclusão do curso foi resolvido, com a criação de uma nova disciplina, dessa forma não só os alunos da prática, mas prováveis concluintes do período letivo 2002.1, também a cursarão.

Nas aulas seguintes, discutimos textos sobre planejamento da aula, observações, avaliação, para que a partir dessas bibliografias sugeridas, pudéssemos pensar como futuros professores, pois para muitos o estágio seria a sua primeira experiência em sala de aula. Para muitos, mas não para todos, pois alguns de nossos colegas já exerciam a prática docente, por isso as discussões de textos foram muito ricas, porque quando nós, sem nenhuma experiência, propúnhamos metodologias possíveis teoricamente, estes nossos colegas nos alertaram que na sala de aula as coisas não eram tão fáceis. Dessa forma, acredito que iríamos conduzir melhor a prática, pois além dos textos, tivemos contato com algumas experiências.

Nos meses de janeiro e fevereiro não foi possível iniciar as aulas, pois as escolas estaduais só iniciaram o ano letivo em março.

Por isso, para entendermos como fazer uma observação, tivemos uma primeira experiência na própria universidade, na qual cada aluno escolheu um ambiente para observar. Eu escolhi observar o C.A. de História, o resultado dessas observações entreguei ao professor, e com ela pude ver o quanto é difícil colocarmos em segundo plano os nossos valores, para que não haja interferência da nossa opinião em relação a uma outra realidade. Nesse caso, não era uma realidade tão distante, pois eu também frequento o centro acadêmico, mas tinha que observá-lo prestando atenção aos diversos códigos que existem dentro daquele espaço. É o mais importante, nesse exercício teríamos que esclarecer as incertezas que nos afligiam, para que quando chegássemos na escola soubéssemos a melhor forma de nos comportar, pois creio que será mais difícil observar um ambiente desconhecido.

Então do dia doze de março Alarcon nos informou que iríamos conhecer o colégio onde estaríamos no dia seguinte. Ele nos disse que a escola seria o Estadual da Liberdade, e fiquei muito feliz com a notícia, já que esta escola fica em frente a minha casa.

Eu, Ezilda e Marilac conversamos com Eunice supervisora de disciplina, que nos deu alguma explicação sobre a situação do colégio, dentre eles problemas de drogas, que segunda ela já melhorou muito, mas há cerca de três anos, tinha-se até comércio de droga dentro da escola, que para melhorar foi preciso à ação da polícia. Apesar de ter ficado um pouco assustada naquele momento eu teria que mudar meus conceitos, ou pelo menos dosá-los, porque à medida que a supervisora falava percebia que havia problemas familiares, que muitas vezes provocavam a entrada de meninos e meninas nas drogas. Por conta disso, ela disse que era necessário não só vir estagiários de Licenciatura, mas também psicólogos, porque estas segundo dona Eunice saberiam conversar melhor com esses alunos drogados.

Em seguida, conversamos com algumas alunas da 5ª série, que estavam fora de sala porque disseram que iam ao banheiro, e por este motivo ele disse a elas que não precisavam mais voltar. Atitudes como estas que soam muito estranha para nós, mas ao mesmo tempo, temos que entender que esses são uns dos códigos existentes em uma relação de poder, nesse caso professor-aluno.

Para conseguirmos os horários das aulas de história de todos os professores, foi preciso irmos diversas vezes no colégio, até que ele fosse definitivo. Por este motivo colhemos algumas

informações importantes, ao conversamos com os professores do turno da manhã, que se chamavam Márcio, Ana e Graça. Foi possível perceber que eles queriam dar-nos uma impressão de, por serem mais experientes em sala de aula, eram mais inteligentes, e por isso nos davam várias dicas. Acho que era uma forma de assegurar o seu lugar de importância, posto que no primeiro dia que nos conhecemos, um destes professores citados acima exclamou que havia muitos concorrentes.

No dia 01 de abril eu e Ezilda fomos na escola para confirmamos se o horário continuava o mesmo, porque da última vez que tínhamos ido à escola nos disseram que o horário era provisório. Falamos com vice-diretor da tarde Juvandi e ele não só nos confirmou o horário, como nos colocou na sala de aula da professora Graça, e assim sem que esperássemos já podíamos começar a nossa outra etapa da observação. Dessa forma, percebi em um mesmo ambiente comportamentos diferentes, pois tudo pareceu mais fácil pela tarde do que pela manhã. As salas observadas foram a oitava B e o segundo A.

Na sala da oitava série, o assunto era a colonização da América. Quando entramos na sala a professora estava sentada na cadeira com livro no colo, lendo alguns trechos do texto e explicando, enquanto os alunos estavam dispersos, conversando. Quando o barulho aumentava ela dizia: "Façam silêncio!, vocês tem visita", quando não agüentou mais, disse que iria fazer uma pergunta e quem não respondesse perderia ponto. E a pergunta foi: "Como se chama a junção do índio com branco?", ninguém sabia, não se conformando ela deu a resposta e ainda complementou sua resposta com as outras miscigenações.

A aula seguinte foi no 2º científico A, nesta turma a professora foi entregar as provas, e a turma não concordou com as notas, pois alegaram que haviam copiado igual ao caderno, mas a professora disse que não pôde considerar porque a resposta que ela tinha dado já estava resumida, e eles resumiram ainda mais. Diante desse impasse as provas foram recolhidas para uma nova avaliação, mas a professora advertiu que essa correção seria mais rigorosa. Depois que tudo se acalmou a professora foi copiar no quadro um texto de um livro didático sobre o iluminismo, pois o ensino médio não tem livro. Depois destas aulas, ela só retornaria à noite.

À noite retornei, desta vez sozinha, e acredito que só eu irei ficar com alguma turma deste turno, por conta da facilidade que eu tenho e os outros alunos não tem, por morarem muito distante da liberdade. A primeira aula que assisti foi na 5ª série, que tem cerca de 25 alunos, com idades variadas, a professora no começo da aula foi corrigir uma cruzada e em seguida passou um

outro exercício, a cada questão que copiava informava quantas linhas os alunos deveriam deixar. Depois que copiou o exercício, entregou o resultado das provas de geografia, disciplina que ela também leciona.

A segunda aula é na sétima B, os alunos vão chegando aos poucos, enquanto a professora entrega exercícios corrigidos. Parece que há cadeiras marcadas, pois sentei numa carteira atrás, então quando chegou uma menina, ela gritou: “Quem sentou na minha cadeira”, ao perceber que era comigo pedi desculpas e fui sentar em outro local. Quando todos chegaram a professora me chamou pra frente da sala, e assim como fez em todas as outras, me apresentou como professora da Universidade, e a menina que sentei na carteira dela começou a rir, na mesma hora a professora perguntou porque ela estava rindo e a aluna respondeu: “porque tenho boca”, e por conta dessa sua atitude foi expulsa de sala, os outros alunos ficaram olhando pra mim dizendo que pensava que eu era aluna. Diante desta situação fiquei um pouco constrangida. No restante da aula foram dadas às notas, e pude perceber a grande preocupação pelas notas por parte dos alunos, como a maioria da turma ficou na recuperação, foi passado um resumo e o exercício ambos do capítulo 5, valendo a recuperação. Alguns alunos não queriam fazer, e ela alegou que era melhor do que fazer uma prova. Ao acabar a aula, uma aluna me perguntou quando eu voltava e eu respondi, “na próxima semana”.

A terceira aula foi na 7ª A, assim como na sala anterior entregou-se os exercícios corrigidos, deu-se as notas e mandou-se fazer o outro exercício. No meio da aula uma aluna me perguntou se a professora iria sair da escola, então respondi que não, porque eu era estagiária.

Depois de assistir essas aulas, pude perceber quais seriam os horários mais convenientes para mim, portanto escolhi a 7ª A e B à noite, cujo conteúdo que irei preparar aula será sobre as civilizações: Fenícia, Pérsia, Índia e China e do ensino médio ficarei com o 2º A, cujo o assunto é sobre as reformas religiosas.

Tive praticamente os mesmos critérios ao planejar as aulas tanto das 7^{as} quanto do 2º ano, pois a minha intenção era fazer com que eles aprendessem algum aspecto do assunto transmitido, porque tenho que levar em consideração que vamos passar pouco tempo na escola, e por este motivo não podemos implantar uma metodologia tão diferente da que eles estão acostumados, por isso temos que ir sutilmente (Planos de aula em Anexo 7).

Nas aulas da sétimas séries sobre a Pérsia e a Fenícia, tive a preocupação de fazer recorte mais cultural, pois o livro se preocupa muito com a política e economia, mas mesmo assim não

me abstive totalmente ao livro, porque não quis me contrapor abruptamente a metodologia da professora. De forma que vou conduzir minhas aulas além do uso do livro didático adotado pela escola pretendo com uso do projetor de slides destacar alguns aspectos da cultura dessas civilizações através das gravuras existentes. Na parte da avaliação, pretendo elaborar questões que façam com que eles respondam com suas próprias palavras.

Os assuntos seguintes das aulas dessas séries eram: China e Índia, confesso que tive muita dificuldade em elaborar as mesmas, devido a falta de aprofundamento do estudo dessas civilizações na Universidade, principalmente da China, que alegava-se ter pouco material, além disso cursamos a disciplina Antiga Oriental no primeiro período e como a maioria dos professores não se preocupam em manter um eixo entre as disciplinas, não há uma fixação maior dos assuntos. A minha preocupação maior era que a maioria dos livros didáticos em relação a China só se preocupavam em falar sobre quando começou, terminou e o que faz a dinastia Tang, Ming etc. E como eu iria preparar essa aula, se nem eu mesma sabia os nomes de todas as dinastias, o período de duração das mesmas, nem tão pouco os obras que cada uma fez? Mas será que a aula não iria se tornar cansativa se só fossem abordados esses aspectos? Achei que sim, e por isso fui conversar com o meu orientador Alarcon, e ele me aconselhou que eu conduzisse a aula de modo que os alunos percebessem a importância de estudar essas civilizações. A partir daí achamos interessante que a aula começasse mostrando algumas práticas desses povos na antiguidade, que são comuns no ocidente até hoje em dia, como tomar banho de chuveiro, manter a prática da irrigação para a agricultura, dentre outros. Depois desta contextualização, destacarei alguns marcos importantes dessas civilizações, no caso da Índia o sistema de castas por exemplo e na China a invasão dos mongóis liderada por Gêngis Khan. Pretendemos assim tornar a aula mais interessante, já que não dispomos de muitos recursos didáticos para a mesma.

Já na turma do segundo ano tive uma maior facilidade de preparar a aula, pois o assunto era sobre as reformas religiosas. Decidi elaborar um texto (Anexo 8) para eles já que o ensino médio não possui livro didático, achei que seria fácil, pois já havia apresentado na disciplina de Moderna Ocidental, junto às minhas colegas Romualda e Nataly, um seminário sobre esse mesmo assunto. Mas, não foi tão fácil assim porque tinha que escrever numa linguagem que eles entendessem. Tenho consciência que o texto precisa melhorar, mas foi o que eu consegui fazer diante de minha inexperiência profissional.

A partir de então planejei uma ligação de uma aula pra outra, para que os alunos entendessem a razão das reformas e posteriormente da contra-reforma. Na aula da contra-reforma levarei a peça: Santo Inquerito, para ser apresentada pelos alunos, precedida de uma explicação do contexto, através de algumas gravuras. Os exercícios que servirão para averiguação de aprendizagem, serão: Um para os alunos escreverem o que entenderam da aula, da forma que quiserem, como poesia, carta, música etc. E outro para responder algumas questões sobre um documento de época. Na aula final pretendo levar algumas questões de vestibular para eles terem uma noção como funciona esse processo.

No dia 10 de abril apresentei minha primeira aula da prática, na 2ª série A. O assunto era sobre as reformas religiosas e nesta aula pude falar do Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo foi iniciado, pois neste dia há duas aulas seguidas de história. Foi possível um longo debate com a turma, pois iniciei a aula perguntando se eles achavam que durante toda a história só existia uma religião. Depois entreguei alguns documentos, sobre o Luteranismo e o Calvinismo (Anexo 9), e eu acho que eles gostaram, porque se prontificaram a ler e a comentar sobre o mesmo. Ao final da aula pedi para eles realizarem um exercício com o que eles tinham aprendido na aula ou o que mais havia chamado atenção, podendo ser expressado a partir de uma poesia, desenho, carta etc.

À noite iniciei a aula na 7ª B, dizendo que estava continuando o assunto e portanto iniciariamos o capítulo 5, mas naquele momento soube que a professora não havia concluído o 4. E mesmo assim continuei que eu já tinha planejado, embora sabendo que os alunos iriam ficar um pouco perdidos, mas infelizmente não tinha o que fazer, pois estava de acordo com o que a professora havia me dito. Ao contrário da aula no 2º ano, eu achei que esta aula não foi muito proveitosa, pois os alunos não estavam prestando atenção e conversavam muito. Fiquei um pouco triste sem saber como deveria proceder nas próximas aulas. Mas, nas outras aulas houve um aproveitamento com o auxílio do retroprojeter e outros recursos, como falei na Capítulo II.

No dia 15 de abril cheguei no 2º ano e pedi o exercício que havia passado na aula passada, mas eles me disseram que não fizeram porque não valia nota. Então falei com a professora para atribuir uma nota, para ver se eles fariam. Para que eles entendessem melhor, entreguei uma peça sobre a Inquisição, mas particularmente, o Index, e quando tentava dividir a turma em personagens tocou. Mas alguns já demonstravam interesse em participar da peça (Anexo 10). Além disso, havia feito uma exposição do assunto, com o auxílio de fotografias sobre as torturas na Inquisição, cujo aproveitamento da atividade foi explicado no Capítulo II.

No dia 17 de abril ministrei duas aulas no 2º ano que seriam minhas duas últimas aulas. Na primeira aula retornei a peça e dividi os personagens, só participou 1 homem, embora a peça tivesse dois personagens homens. Toda a turma se empolgou com a peça e quando terminou, aplaudiram. Logo em seguida passei um exercício a partir de documentos e metade da turma respondeu questões sobre o Concílio de Trento e outra sobre os Jesuítas. Apesar dos resultados terem sido consideráveis, alguns alunos tiveram dificuldade de responder a letra “b” do Concílio de Trento, pois a questão pedia para colocar a opinião. (Anexo 11) Na aula seguinte fui resolver com eles questões de vestibulares.

Creio que estas experiências relatadas acima, foram válidas para o meu amadurecimento profissional, embora acho necessário uma prática maior, porque nessas aulas que apresentamos foram em turmas nas quais não ficamos tempo integral, por isso tive a impressão de que o aprendizado do conhecimento ficou fragmentado. Mas, embora haja esses problemas, passei por situações mesmo que tenham sido frustrantes, me servirão como lição. Como por exemplo, na 7ª B, passei um exercício com 2 questões, a primeira sobre a Pérsia e a outra da Fenícia, e qual não foi minha surpresa quando recebi para corrigir, as respostas estavam todas iguais, por este motivo na aula seguinte pedi para eles responderem o que havia entendido das aulas anteriores, cuja a explicação dos resultados está no Capítulo II.

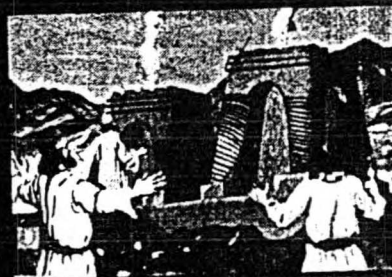
Já no 2º ano a má situação aconteceu quando fui entregar o resultado dos exercícios que por sinal, os resultados foram favoráveis, tanto das redações quanto das análises documentais (Anexo 12). Ao entrar na sala, todos me receberam com alegria, mas fiquei um pouco triste porque a professora estava repetindo o mesmo assunto que passei tantos dias preparando, parecia que as minhas aulas não haviam servido.

Gostei muito desta experiência que embora curta, foi importante para minha vida profissional, e espero ter contribuído de alguma forma para o aprendizado dos mesmos.

ANEXO 2

ANEXO 3

9

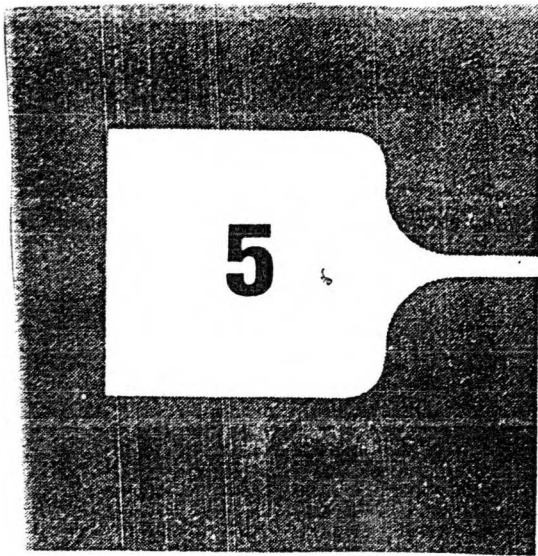


Os persas não construíam templos, para seus deuses; o culto era realizado em lugares altos e ao ar livre. O fogo era símbolo de divindade.

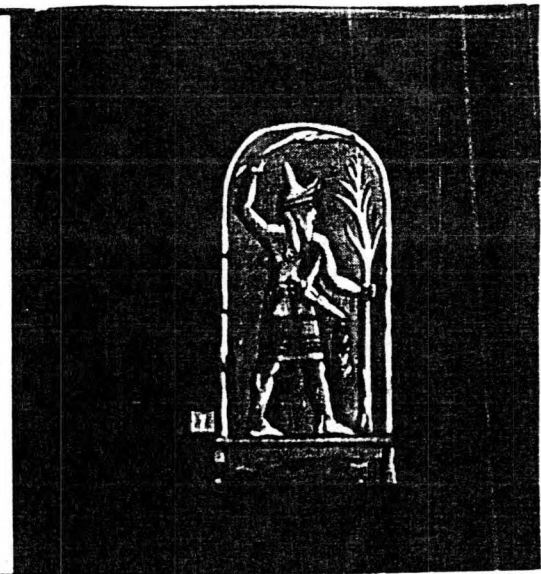
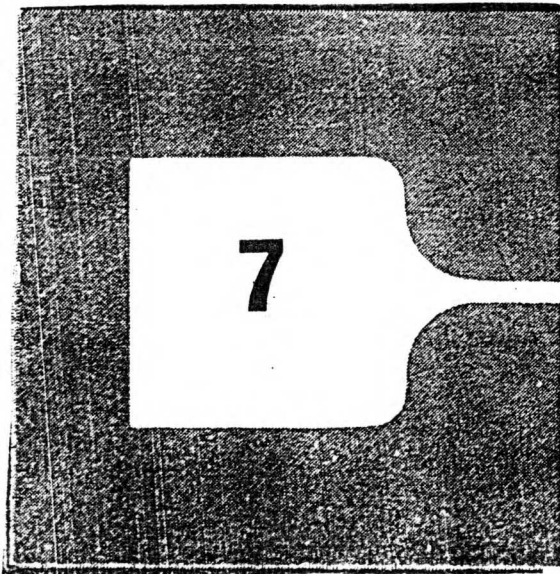
10



Também não enterravam os mortos; deixavam-nos nas chamadas **Torres do Silêncio**, onde eram devorados pelos abutres. Isto porque, entendendo que o corpo era impuro, achavam que ele poderia contaminar a terra e as águas. Acreditavam na imortalidade da alma; esta, após a morte, atravessaria uma ponte suspensa sobre um abismo. Só os bons conseguiriam atravessá-la de um extremo ao outro.



O artesanato de tecidos, principalmente a lã, era o mais difundido entre os fenícios. Os tecidos eram tingidos com púrpura — tintura extraída de um molusco —, obtendo-se nuances do lilás ao rosa pálido. Fabricavam, ainda, objetos de vidro, perfumes, jóias e móveis incrustados com metal. Vejam o desenho.



Como os demais povos da Antigüidade, os fenícios eram politeístas; cada cidade-Estado tinha um deus protetor. Havia, porém, o deus **Baal** (s.), adorado em todas elas. Vejam a foto.

ANEXO 4

Escola Estadual do Grupo E, m, Felix Araújo
Bomuzá Grande, 26/01/02
Alug: Roberto Pereira da Silva nº 27.

Exercício

O que mais me chamou atenção, foi que na época dos pensos não havia emitério, e as pessoas eram levadas para tonne do suêcio e eram comidas por um abutne.

Outra coisa, foi que naquela época, não havia templos, e os cultos eram feitos ao ao Livne.

ANEXO 5

Escola. Est. Cons. Fam. Mid. Félix Araújo
Aluno: Carlos André Silva Farias nº 47º B

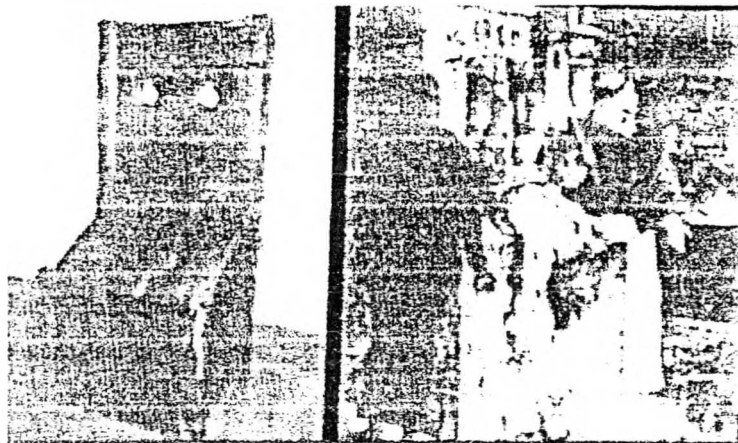
Exercício de avaliação 2º Bimestre

Explique a seguinte afirmação:

O grande império persa

Pouco se sabe sobre as perdas antes do século VII a.e. A religião onde nasceu o império persa foi certamente a religião zoroastriana o falante mais importante e duradouro da civilização persa. Zoroastro iniciou sua pregação cerca-se de 600 a.e. e viveu pouco em de terminado istera próximo ia há a ressurreição e a salvação universal. O domingo tornou-se o dia de descanso reservado para honrá-lo e 25 de dezembro, momento a proclamação do nascimento do inverno sua principal data religiosa.

ANEXO 6

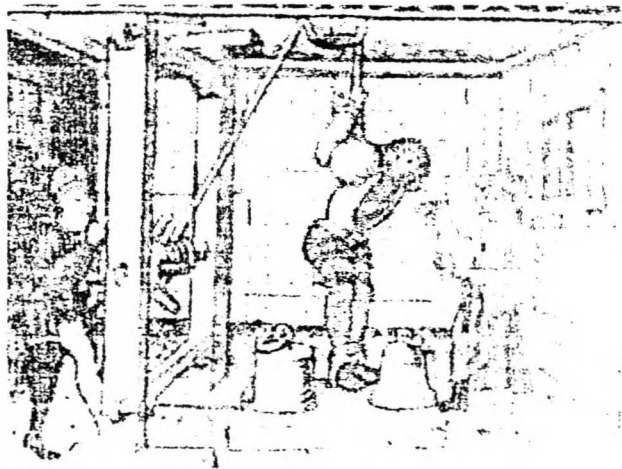


Cadeira das Bruxas

O condenado era preso de cabeça para baixo em uma grande cadeira. Tal posição criava atrozes dores nas costas, desorientava e aterrorizava a vítima. Além disso, consentia a fácil imposição de uma interminável gama de tormentos. A esta tortura eram submetidas principalmente as mulheres acusadas de bruxaria. E foi usada de 1500 a 1800 em quase todos os países da Europa. Depois de terem confessado, as bruxas eram queimadas em público e as suas cinzas eram levadas aos rios ou ao mar.

Pêndulo

A luxação ou deslocamento do ombro era um dos tantos suplícios preliminares a tortura propriamente ditas. Entre estas, o Pêndulo era o mais simples e eficaz. Era a tortura mais comum na Idade Média. Todos os tribunais ou castelos eram dotados do pêndulo. Em todos os impressos e quadros que reproduzem momentos de interrogatório nos locais secretos de inquisição dos tribunais pode-se notar o Pêndulo. A vítima era pendurada pelos braços a uma corda e levantado do chão



ANEXO 7

PLANO DE AULA – 7ª Série

Tema: A contribuição do zoroastrismo para a ampliação do império Persa.

Objetivo:

- ↳ Explicar geograficamente o império Persa.
- ↳ Deixar claro que a Pérsia ainda existe, com o nome de Irã.
- ↳ Enfatizar a religião zoroástrica.

Justificativa: A minha grande preocupação em ministrar uma aula sobre civilização da antiguidade é o fato dos alunos pensarem que ela não existe mais, por isso pretendo explicá-la a partir de exemplos com os quais os alunos perceberão a importância de estudar as civilizações da antiguidade.

Recursos didáticos:

- ↳ Mapa
- ↳ Cartazes
- ↳ Texto complementar
- ↳ Quadro e giz
- ↳ Retroprojektor de Slides

Metodologia: A aula será expositiva e através da explicação do mapa que tem no livro, pretendo explicar como a Pérsia se tornou um grande império e qual foi o papel da religião nesse contexto. Os cartazes conterão alguns tópicos de marcos históricos da história da Pérsia antiga, para não deixar de lado completamente a abordagem do livro didático, mas para realçar um pouco mais a aula haverá a exposição de algumas imagens através do retroprojektor de slides, sobre a arte, cultura e religião. Com o texto complementar tenho o objetivo de que eles entendam que a religião zoroástrica não deixou de existir, por isso o mesmo tem como título: “O zoroastrismo hoje”

O zoroastrismo nos dias de hoje

A maior contribuição da civilização persa foi no campo da religião. Zoroastro, que viveu de 628 a 551 a.C., fundou o zoroastrismo, a religião dos persas. Esta doutrina pregava o Juízo Final e a vida eterna no paraíso para os bons. Este princípio religioso influenciou o cristianismo, que também concebe o julgamento final.

O zoroastrismo se tornou a força religiosa dominante no Irã; seu culto ainda é praticado atualmente naquele país. Com a chegada do islamismo, a religião quase desapareceu, embora existam muitos praticantes na Ásia e nos EUA. Porém, o grupo mais numeroso se encontra na Índia. Os adeptos da religião são chamados de parses. Eles deixaram o Irã no fim do século XIX e foram para a Índia. Estabeleceram-se na região de Bombaim.



Dois mil e
quinhentos anos
depois,
o zoroastrismo
continua a ser
praticado na Índia
pelos parses.

O quadro e o giz serão utilizados caso haja a necessidade de destacar alguma expressão, para chamar a atenção dos alunos.

Conteúdo:

- ↳ A fundação da Pérsia e a expansão do seu império.
- ↳ O zoroastrismo: o fator mais marcante e duradouro do império Persa.

Avaliação: Os exercícios aplicados terão como objetivo, buscar perceber o entendimento dos alunos pelo assunto.

Bibliografia:

VILLA, Marco Antônio; FURTADO, Joaci Pereira; in *História Geral (dos primeiros humanos à crise da Europa Medieval)*, vol. 1, Ed. Moderna, 1998.

LEITÃO, Juarez, in *História Geral – Antiga e Medieval*, coleção 2º grau – Colégio Geo Studio – 1994, Fortaleza.

MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Marrilly W.; in *Uma história em construção*. vol. 3, Ed. do Brasil, São Paulo, 1999.

PILLETI, Nelson; PILETTI, Claudino; in *História e vida integrada*, vol. 4, Ed. Ática, 2000.

PLANO DE AULA – 7ª Série

Tema: Os fenícios: navegadores, comerciantes e criadores do alfabeto. Mas é só isso?

Objetivos:

- ↳ Explicar como os fenícios se tornaram grandes navegadores.
- ↳ Compreender a contribuição do comércio, e como ele ajudou para a criação do alfabeto.
- ↳ Mostrar para os alunos que a Fenícia não só se resume a navegação e o comércio, mas que também foi um povo que teve uma cultura.

Justificativa: Pretendi enfatizar o lado da cultura, mas devido as limitações bibliográficas, este se tornou um aspecto secundário na aula, mas mesmo assim pretendo mostrar uma noção mesmo que superficial da arte e religião da Fenícia.

Recursos didáticos:

- ↳ Retroprojektor de Slides
- ↳ Tabela com o alfabeto dos fenícios.

Metodologia: A aula será expositiva e com as figuras do retroprojektor, pretendo explicar como era sua arte e como funcionava a sua religião. E em seguida mostrarei que a partir de seu posicionamento geográfico, junto a um solo não favorável à agricultura, os fenícios se tornaram grandes navegadores. Com a tabela do alfabeto explicarei o desenvolvimento da escrita até os dias atuais, enfocando como a criação do alfabeto fenício, foi possível através do comércio.

Conteúdo:

- ↳ Os fenícios: povo do mar e do comércio.
- ↳ A cultura fenícia.

| I milênio antes da nossa época | III milênio antes da nossa época | II - I milênio antes da nossa época cursiva | | Representação | Significado |
|--------------------------------|----------------------------------|---|---------|---|---|
| | | Babilônica | Assíria | | |
| | | | | um pé | «andar» «estar de pé» «trazer» |
| | | | | a mão esquerda | «esquerda» |
| | | | | uma estaca para suportar uma esteira | «estaca» «construir» |
| | | | | um molho de cebolas | «cebola, alho» «produzir» |
| | | | | uma estrela | «céu» «deus» |
| | | | | um peixe | «peixe» |
| | | | | montanhas | «montanhas» «país» |
| | | | | «boi selvagem» | «boi selvagem» |
| | | | | um canal de irrigação | «canal» |
| | | | | uma espiga | «cegada» |
| | | | | «charrua» «agricultor» «lavrador» | «charrua» «agricultor» «lavrador» |

Evolução da escrita cuneiforme

| A ESCRITA | | | | |
|-------------------|--------------|-------------------------|---------------|---------|
| MODERNAS INGLÊSAS | GREGO ANTIGO | LATIM MONUMENTAL ANTIGO | PROTO CANANEU | FENÍCIO |
| A | | | | |
| B | | | | |
| C | | | | |
| D | | | | |
| E | | | | |
| F | | | | |
| | | | | |
| H | | | | |
| | | | | |
| I | | | | |
| K | | | | |
| L | | | | |
| M | | | | |
| N | | | | |
| O | | | | |
| P | | | | |
| | | | | |
| Q | | | | |
| R | | | | |
| S | | | | |
| T | | | | |

Avaliação: Os exercícios aplicados terão como objetivo, buscar perceber o entendimento dos alunos pelo assunto.

Bibliografia:

VILLA, Marco Antônio; FURTADO, Joaci Pereira; in *História Geral (dos primeiros humanos à crise da Europa Medieval)*, vol. 1, Ed. Moderna, 1998.

LEITÃO, Juarez, in *História Geral – Antiga e Medieval*. coleção 2º grau – Colégio Geo Studio – 1994, Fortaleza.

MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Marrilly W.; in *Uma história em construção*. vol. 3, Ed. do Brasil, São Paulo, 1999.

PILLETI, Nelson; PILETTI, Claudino; in *História e vida integrada*. vol. 1, Ed. Ática, 2000.

PLANO DE AULA – 7ª Série

Tema: Índia e China e a importância de estudá-las.

Objetivos:

- ↳ Expor as invenções dos povos indianos e chineses.
- ↳ Mostrar com as descobertas que esses povos do Oriente fizeram, são importantes até hoje em dia para nós.
- ↳ Destacar os aspectos importantes destas civilizações na Antiguidade.

Justificativa: Decidi explicar as duas civilizações em paralelo, porque terei aulas seguidas nas 7ª séries. E como o enfoque principal da maioria dos livros didáticos é a política, ou seja, as diversas sucessões das dinastias, por isso resolvi partir de um tema que mostre a importância de estudar estas civilizações.

Recursos didáticos:

- ↳ Quadro e giz.
- ↳ Texto complementar.

Metodologia: A aula será expositiva, na qual a partir de um esquema no quadro destacarei as invenções como saneamento básico, irrigação, que são importantes para o Ocidente até hoje. O texto complementar que trata das artes marciais e da acupuntura mostra outras influências destas civilizações nos dias atuais.

Conteúdo:

- ↳ A importância dos povos Orientais.
- ↳ O sistema de costas na Índia.
- ↳ A invasão mongol na China.

Avaliação: Os exercícios aplicados terão como objetivo, buscar perceber o entendimento dos alunos pelo assunto.

Bibliografia:

FURLEY, Mário Schmidt. *Nova história crítica*. Vol. 1, São Paulo: Ed. Nova Geração, 2001.

PILETTI, Nelson; PLETTI, Claudino. *História e vida integrada*. Vol. 3, São Paulo: Ática, 1999.

VILLA, Marco Antônio; FURTADO, Joaci Pereira. *História Geral (dos primeiros humanos à crise da Europa Medieval)*. Vol. 1 São Paulo: Moderna, 1998.

PLANO DE AULA – 2º A

Tema: A crise da igreja católica e suas implicações

Objetivos:

- ↳ Explicar aos alunos os fatores que contribuíram para a crise da igreja católica.
- ↳ Expor os motivos do protesto de Lutero.

Justificativa: Com uma explicação prévia sobre o que causou a crise da igreja católica, pretendemos facilitar o entendimento do aluno, desse modo será mais fácil aos mesmos entender o porque da criação de uma nova doutrina.

Recursos didáticos:

- ↳ Documentos de época (fragmento das 95 teses de Lutero e carta de Lutero expondo as suas críticas à igreja).
- ↳ Texto complementar.
- ↳ Quadro e giz (se necessário).

Metodologia: A aula expositiva será complementada por documentos de época, cujo uso tem por objetivo tornar o assunto mais ilustrativo e, portanto, mais compreensível. A produção de um texto complementar foi pensada, pelo fato do ensino médio não dispor de livro didático, sendo esta uma alternativa dos alunos terem um material escrito para estudar. E por fim, serão utilizados quadro e giz, se acharmos conveniente destacar alguma idéia principal do assunto, ou palavras que eles não tenham entendido a pronúncia.

Conteúdo:

- ↳ A crise da igreja católica.
- ↳ O advento do luteranismo.

Avaliação: Os exercícios aplicados terão como objetivo, buscar perceber o entendimento dos alunos pelo assunto.

Bibliografia:

RODRIGUES, Souza Éster. *História em documento: imagem e texto* – São Paulo: FTD, 2001 – (coleção História em documento: imagem e texto), vol. 2 – pp. 164-171.

VILLA, Marco Antônio; FURTADO, Joaci Pereira; in *História Geral (dos primeiros humanos à crise da Europa Medieval)*, vol. 1, Ed. Moderna, 1998.

PLANO DE AULA – 2º A

Tema: Novos protestos contra a igreja católica.

Objetivos:

- ↳ Mostrar aos alunos que não só houve contra a igreja católica, o protesto de Lutero.
- ↳ Explicar a contribuição do Luteranismo para a criação do Calvinismo.
- ↳ Identificar as razões para o surgimento do Anglicanismo.

Justificativa: Nesta aula pretendo mostrar aos alunos como foi amplo o movimento das reformas religiosas, porque a partir dessa ênfase pretendo indicar as razões da contra-reforma.

Recursos didáticos:

- ↳ Documentos de época.
- ↳ Texto complementar.
- ↳ Quadro e giz .

Metodologia: A aula expositiva será complementada por documentos de época, que é um trecho da doutrina Calvinista, elaborado pelos pastores no ano de 1547. Pretendo a partir deste documento tornar mais claro o que os calvinistas acreditavam. O texto complementar é o mesmo usado na aula passada, pois este será utilizado durante as aulas que tratarem das reformas religiosas, já que desde o luteranismo até a contra reforma. O quadro e o giz serão utilizados no final da aula para fazer um pequeno esquema do assunto, para que seja possível explicar as razões da contra-reforma.

Conteúdo:

- ↳ O Calvinismo.
- ↳ O anglicanismo.

Avaliação: Os exercícios aplicados terão como objetivo, buscar perceber o entendimento dos alunos pelo assunto.

Bibliografia:

RODRIGUE, Souza Éster. *História em documento: imagem e texto* – São Paulo: FTD, 2001 – (coleção História em documento: imagem e texto), vol. 2 – pp. 164-171.

VILLA, Marco Antônio; FURTADO, Joaci Pereira; in *História Geral (dos primeiros humanos à crise da Europa Medieval)*. Vol. 1, Ed. Moderna, 1998.

PLANO DE AULA – 2º A

Tema: A contra-reforma: a reação da igreja católica.

Objetivos:

- ↳ Explicar que a contra-reforma foi a reação da igreja católica contra as reformas religiosas.
- ↳ Enfocar a volta das práticas da Inquisição.

Justificativa: Pretendo explicar que apesar de no começo a igreja católica não reagir as reformas religiosas, posteriormente a igreja organiza seu movimento de reação.

Recursos didáticos:

- ↳ Quadro e giz.
- ↳ Peça teatral.
- ↳ Gravuras de máquinas de torturas da Inquisição.
- ↳ Documentos de época.

Metodologia: A aula será expositiva e com a peça teatral “Santo Inquerito” de Dias Gomes, tentarei mostrar como agia a Inquisição, através do Index e das torturas. Em com as gravuras das torturas os alunos poderão entender. Já os documentos de época servirão como avaliação, pois os alunos farão uma análise documental.

Conteúdo:

- ↳ Concílio de Trento: o começo da reação da igreja católica.
- ↳ A nova atuação da Inquisição
- ↳ Surge uma doutrina católica: Os jesuítas marcam uma reforma nova de pregação.

Avaliação: Com o uso de documentos de época, um sobre a decisão do Concílio de Trento e outro sobre os jesuítas, sobre os quais terão algumas questões para se refletir sobre o assunto.

Bibliografia:

RODRIGUES, Souza Éster. *História em documento: imagem e texto* – São Paulo: FTD, 2001 – (coleção História em documento: imagem e texto), vol. 2 – pp. 164-171.

VILLA, Marco Antônio; FURTADO, Joaci Pereira; in *História Geral (dos primeiros humanos à crise da Europa Medieval)*, vol. 1, Ed. Moderna, 1998.

ANEXO 8

Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo

Campina Grande ____ / ____ / _____

Disciplina: História

Professora: Graça

Estagiária: Alana

Aluno (a): _____

As reformas religiosas

Hoje em dia convivemos com várias religiões: - “Eu sou católica, minha vizinha é protestante da denominação Presbiteriana e a irmão dela é da Batista.”

É comum escutarmos pessoas comentando sobre suas religiões. Mas será que sempre foi assim? Será que sempre existiram várias religiões que seguem a doutrina cristã? É sobre isso que vamos estudar.

Pois é, nem sempre foi assim. Durante muito tempo a doutrina cristã, ou seja, que acredita em Jesus Cristo como Salvador, só era propagada pela religião católica. Só que algumas pessoas começaram a discordar dela e foi a partir desse momento que as coisas começaram a mudar.

Entre os séculos XVI-XVII aconteceram as reformas religiosas, no período chamado moderno, no qual os estudiosos buscavam respostas para algumas perguntas que a igreja católica não respondia da maneira que eles queriam, por isso eles estudavam e criavam novas teorias nas diversas ciências. Estas novas teorias também foram criadas na religião, e quem deu o ponta pé inicial foi o monge Martinho Lutero, ele não tinha a intenção de sair da religião católica, mas o que ele queria era propor algumas mudanças nas práticas existentes dentro da religião. Por exemplo, era comum a igreja cobrar indulgências aos cristãos, ou seja, as pessoas pagavam uma certa quantia para garantir um lugar no céu.

O papa Leão X (no centro), que exerceu o pontificado entre 1513 e 1521, segundo o pintor italiano Rafael Sanzio (1483-1520). Foi sob o seu papado que a Igreja autorizou a venda de indulgências para concluir as obras da Basílica de São Pedro, em Roma. A autorização motivou a rebelião de Lutero contra o papado romano.



Lutero não concordava com estas práticas, nem tão pouco com a adoração ao Papa, como também com o que o clero (padres, bispos, arcebispos) faziam, pois passavam muitas noites bebendo, jogando e com muitas mulheres. E foi contra essas práticas que em abril de 1517 Lutero pregou na porta de uma igreja na Alemanha 95 teses que propunham uma reforma na igreja católica.

Essas críticas de Lutero foram entendidas pelo Papa como uma ofensa, por isso ele foi excomungado, mas suas doutrinas logo se espalharam pela Alemanha e depois chegaram a outros países e entre 1526 e 1529, Lutero organizou sua nova doutrina: *O luteranismo*. A tradução da Bíblia foi uma das grandes mudanças de sua doutrina em relação a carólica, que conseqüentemente caracterizou o luteranismo.

Um dos países que o luteranismo chegou, foi a Suíça, neste país morava um francês chamado João Calvino, ele estava refugiado porque tinha se convertido ao luteranismo, com o tempo ele começou a discordar de algumas idéias de Lutero e por isso criou sua própria doutrina: *O Calvinismo*, que defendia a predestinação, ou seja, acreditava que algumas pessoas já estavam escolhidas por Deus para serem salvas. Calvino também pregava uma vida puritana, sem excessos de luxo e conforto, sem esbanjamento material e esse comportamento favorecia a acumulação e, portanto a riqueza. O luteranismo e o calvinismo, conquistaram muitos fiéis, a grande aceitação se deu pelo fato dessas doutrinas favorecerem a burguesia, que era a classe em ascensão naquele momento, já que a igreja católica condenava o lucro. Essas duas doutrinas se caracterizaram pelo protesto que fizeram contra a doutrina católica e por isso ficaram conhecidas como **PROTESTANTES**.

Houve também outra pessoa que não concordou com as medidas da igreja católica: o rei da Inglaterra que chamava-se Henrique VIII. Ele rompeu com a igreja católica porque o Papa não deixou ele se separar da mulher. Além disso a grande quantidade de terras e de bens e a influência que a igreja católica tinha na Inglaterra sobre a população incomodavam. Por isso em 1534 Henrique VIII rompeu com a igreja católica e fundou o anglicanismo, que conservou grande

O gesto de Lutero



João Calvino



parte da doutrina e do culto católico, que passou a ser celebrado em inglês, admitiu o divórcio e manteve o poder do clero, mas não aceitou a submissão ao Papa, dessa forma o rei da Inglaterra passou a ser a autoridade máxima da Igreja Anglicana.

Diante dessas acusações, a igreja católica decidiu reagir, esta reação ficou conhecida como: contra-reforma. A iniciativa partiu do soldado espanhol Inácio Loyola, que fundou a Companhia de Jesus em 1534, seus membros, os padres jesuítas, consideravam-se mas dedicavam-se a educação de crianças e a conversão dos povos não cristãos.

Em 1545, o Papa convocou os membros mais importantes do clero para um concílio na Itália, em uma cidade daquele país chamada Trento, para discutirem sobre questões doutrinárias e disciplinares na igreja católica e assim promover uma reforma na igreja para fortalecer a fé, responder as dúvidas dos fiéis e acabar com o avanço do protestantismo. Sendo assim decidiram fundar seminários, proibiram a venda de cargos religiosos e também a venda de relíquias e de indulgências.

Para deter o avanço do protestantismo, o concílio de Trento tomou duas medidas severas: criou o Index, uma lista de livros proibidos aos católicos, e restaurou o Tribunal do Santo Ofício ou Inquisição, para julgar qualquer indivíduo suspeito de idéias contrárias à igreja católica. Além dos “maus católicos”, a Inquisição perseguiu judeus, mulçumanos e protestantes.

A igreja católica também promoveu um estilo artístico que havia surgido no início do século XVI, em Roma: o Barroco, nele os artistas criavam imagens que pareciam sair da tela ou estátuas que pareciam vivas, graças aos cabelos naturais, olhos de vidro e trajes elaborados. As igrejas barrocas eram monumentais: espaçosas e iluminadas, com altares enormes e decoradas em mármore, bronze, ouro e marfim.

Dessa forma, podemos ver que para se ter as religiões que existem hoje, foi necessário uma reforma na igreja católica que resultou na criação das diversas religiões cristãs que temos hoje.

ANEXO 9

"[...] alguém me dirá: quantos crimes, quantos escândalos, essas fornicações, essas bebedeiras, essa paixão desenfreada pelo jogo, todos esses vícios do clero!... Grandes escândalos, devo confessar; é necessário denunciá-los, é necessário corrigi-los: porém, os vícios apontados são visíveis para todos, perturbam, pois, os espíritos. [...]"

Infelizmente, esse mal, essa peste incomparavelmente pior e mais cruel, o silêncio organizado sobre a Palavra de Verdade ou a sua falsificação, esse mal que é grosseiramente material, nem sequer pode ser visto, não incomoda, não se percebe o seu horror." (Martinho Lutero, citado em Flávio Luizetto, *Reformas religiosas*, p. 40.)

As 95 teses de Lutero

"Por amor da verdade e desejo de pô-la em evidência, as teses que se seguem serão discutidas em Wittenberg, sob a presidência do reverendo padre Martinho Lutero, mestre em artes e teologia (...). Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.(...)"

2. O papa não quer, nem pode, perdoar algum castigo, exceto aqueles que ele tenha imposto por sua própria vontade.
(...)
21. Estão errados os pregadores de indulgências que dizem que o homem é libertado e salvo de todo castigo dos pecados pelas indulgências do papa.
(...)
36. Qualquer cristão, verdadeiramente arrependido, tem pleno perdão do castigo e do pecado mesmo sem cartas de indulgências.
(...)
43. É preciso ensinar aos cristãos que aquele que dá aos pobres ou empresta a quem está necessitado age melhor do que se comprasse indulgências."

Martinho Lutero, Obras. Extraído de FREITAS, G. 900 Textos e Documentos de História. Lisboa: Plátano, p. 165, v. 2.

A profissão de fé calvinista

Trecho da *Confissão de Westminster*, redigida por mais de cem pastores calvinistas em 1547:

"a) Por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros são predestinados à morte eterna;

b) Aqueles do gênero humano que estão predestinados à vida, foram escolhidos para a glória com Cristo por Deus [...] segundo sua finalidade eterna e imutável, e secreta deliberação e arbítrio de sua vontade, por manifestação de sua livre graça e amor [...] é tudo para louvor de sua gloriosa graça;

c) Foi do agrado de Deus que, de acordo com o insondável desígnio de Sua própria vontade, pela qual Ele distribui ou nega mercês, como lhe apraz, para a glória de Seu soberano poder sobre as suas criaturas, dispensar o resto da humanidade, condená-la à desonra e à ira por seu pecado, para louvor de Sua gloriosa justiça." (Citado por Flávio Luizetto, *Reformas religiosas*, p. 47.)

Carta de Adriano, cardeal de Tortosa (Espanha), à Faculdade de Teologia de Louvain (Países Baixos)

"[...] Vi os erros que me mandastes anotados de diversos escritos e tratados de Lutero, mestre da Sagrada Teologia; erros que de fato me parecem ostentar heresias tão grosseiras e palpáveis que nem mesmo um estudante de Teologia principiante poderia ter cometido tais lapsos com razão. E ele se revela herético sobretudo pelo fato de se confessar disposto a assumir o fogo e a morte por eles, e [de afirmar] que é herético todo aquele que é de opinião contrária. [...]"

Admiro-me muito que se permite que um homem que erra de forma tão manifesta quanto pertinaz na fé, e que difunde suas heresias em toda parte, erre impunemente e ainda arraste outros impunemente para erros perniciosíssimos. Decerto vós procedeis bem e de forma louvável porque vos opondes às doutrinas pestilentas do homem (o quanto está em vós), contrapondo-lhes o antídoto da condenação doutrinal, para que seus erros não envolvam também a vós e para que não vos torneis culpados perante Deus das almas que se perdem por causa de sua doutrina falsa, o que aconteceria se não mostrásseis a falsidade e perniciosidade de tal doutrina, por meio de vossa censura e manifestação da verdade, de acordo com a palavra do Senhor: 'Quem não é comigo, é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha' [Lc 11, 23]. De Pávia, 4 de dezembro de 1519." (Adriaan Florensz d'Edel, "Carta de Adriano, cardeal de Tortosa, à Faculdade de Teologia de Louvain", em Martinho Lutero, *Obras selecionadas*, v. 2, p. 70.)

ANEXO 10

Por que e como o cristianismo ocidental se dividiu?

AS REFORMAS RELIGIOSAS

Na Baixa Idade Média, as autoridades católicas foram criticadas por seus comportamentos condenáveis. Nesse clima, Lutero e Calvino fizeram a chamada "Reforma". Em reação, o Concílio de Trento (1545-1563), entre outras medidas, restabeleceu a Inquisição para julgar os hereges. As visitas do Santo Ofício também ocorreram no Brasil, como retrata a peça teatral ao lado.

"VISITADOR – (*Lendo*) Por mercê de Deus e por delegação do inquisidor-mor em estes reinos e senhorios de Portugal, eu, visitador do Santo Ofício, a todos faço saber que, num prazo de quinze dias, devem os culpados de heresia ou que souberem que outrem o está, virem declarar a verdade. Os que assim procederem ficarão isentos das penas de morte, cárcere perpétuo, desterro e confisco. E, para que as sobreditas cousas venham à notícia de todos e delas não possam alegar ignorância, mando passar a presente carta para ser lida e publicada neste lugar e em todas as igrejas desta cidade a uma légua em roda. (...)

VISITADOR – Desculpem, é uma tarefa bastante desagradável, mas somos obrigados a cumpri-la.

NOTÁRIO – É nosso dever.

SIMÃO – (*Mais intimidado do que Branca*) Estejam à vontade... Nós entendemos perfeitamente.

BRANCA – Quem ainda não entendeu nada fui eu. Afinal, o que é que os senhores procuram? Somos católicos, nada temos em nossa casa que possa ofender a Deus ou à Santa Madre Igreja.

VISITADOR – (*Enigmático*) Recebemos uma denúncia. Temos que apurar. (...)

NOTÁRIO – (*Entra com a pilha de livros. Como se encontrasse uma bomba*) Livros!

BRANCA – Meus livros! São meus! Que vai fazer com eles? (...)

NOTÁRIO – As Metamorfoses¹ (*Passa o livro ao Visitador*).

VISITADOR – Ovídio. Mitologia. Paganismo. (...)

VISITADOR – (*Entrega os livros ao Notário*) Todos esses livros são reprovados pela Igreja; vamos levá-los.

¹ "Metamorfoses" – obra do poeta romano Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), famoso por seus poemas eróticos e mitológicos.

ANEXO 11

Texto D

Uma sessão do Concílio de Trento

“O sagrado Concílio de Trento juridicamente reunido pelo Espírito Santo (...) exorta os bispos e todas as pessoas da Igreja aqui reunidas para celebrarem o concílio universal que pretende louvar sempre Deus (...). Os bispos devem ser irrepreensíveis, sábios, castos e bons dirigentes de seus bispados. O Concílio pede que cada um seja sóbrio em sua mesa e coma pouca carne, também é preciso que se acostume a não falar de assuntos ociosos durante as refeições. O Concílio ordena leituras santas e que cada um instrua seus empregados a não semearem a discórdia, não beberem e não serem imorais.

não serem ambiciosos, arrogantes ou blasfemadores. Que logo abandonem os vícios e sigam as virtudes. Que nas roupas e no vestuário e em todos os atos, eles sejam honestos, como convém a um ministro de Deus.”

Segunda sessão do Concílio de Trento, 6 de janeiro de 1556. Citado em: ARTOLA, M. *Textos fundamentais para la Historia*. Madrid: Alianza, 1985.

- O que decidiu o Concílio de Trento nessa sessão?
- O que isso lhe faz pensar sobre o comportamento do clero antes dessas decisões do Concílio?

Texto E

Os ideais jesuíticos

“Quem quer que deseje ser um guerreiro de Deus sob a bandeira da cruz, em nossa companhia que leva o nome de Jesus, para servir somente a Deus e seu vigário na terra, o Pontífice Supremo, deve, depois de tomar o solene voto de castidade perpétua, dedicar-se a propagar a fé através da pregação pública, dos exercícios espirituais, das

obras piedosas e, particularmente, da educação religiosa das crianças. (...) Se o papa nos mandar para aperfeiçoamento das almas ou a propagação da fé entre os turcos ou outros infiéis (...), devemos obedecer sem desculpas.”

Juramento dos jesuítas aprovado pelo papa Paulo III, 1539. Extraído de *Coleção de Documentos Históricas para o 1º Grau*. São Paulo: SE/CEBR, 1990, p. 82.

- A que companhia refere-se o documento?
- A quem os jesuítas obedecem?
- Quais eram as obrigações dos jesuítas?

VOCABULÁRIO

apiedar-se: tratar com piedade, dó ou compaixão.
transgressão: infração, violação.
redimir: salvar, livrar das penas do inferno.
retintim: som de instrumentos metálicos.
exortar: aconselhar, induzir, encorajar.
irrepreensível: correto, perfeito.
casto: puro, inocente, que não mantém relação sexual.
blasfemador: aquele que profere palavras ofensivas à divindade ou à religião.

RESPOSTAS

a) O concílio pede que cada um seja sóbrio em sua mesa e coma pouca carne, também é preciso que se acostume a não falar de assuntos ociosos durante as refeições.

b) O clero está se comportando de maneira errada; ele estava mandando pessoas sua sóbrio em sua mesa e coma muita carne e também é preciso que se acostume a falar de assuntos ociosos durante as refeições.

ANEXO 12

Ao ler o texto, eu entendi que Lutero era contra algumas coisas que existiam na igreja como: festas, jogos, bebidas, também ele era contra o pagamento de indulgências ele não concordava que as pessoas deveriam pagar pelo perdão, ele dizia que se a pessoa se arrependesse de verdade já estava perdoadado, e também que era preciso ensinar aos crentes que aquele que dá aos pobres empresta a quem está necessitado age melhor que se comprar indulgências, com isso ele criou sua própria religião que ficou conhecida como luteranismo.

Calvino que por sua vez se converteu a religião luterana, também criou sua própria religião ele achava que as pessoas ao nascerem já tinham seu destino escrito diferente de Lutero que achava que as pessoas fazem seu próprio destino. A religião de Calvino era conhecida como calvinismo. Também teve o Anglicanismo que foi criado por Henrique VIII, ele criou porque ele ao querer se separar da mulher, não podia se separar, pois a igreja não permitia, e também porque a igreja tinha mais poderes do que os reis e então Henrique decidiu fazer uma religião que o beneficiasse, pois ele teria mais poder do que os bispos, arcebispos, padres, ou seja teria mais poder do que a igreja. Podemos dizer então que a religião passou por muitas mudanças.

Texto D

Uma sessão do Concílio de Trento

“O sagrado Concílio de Trento juridicamente reunido pelo Espírito Santo (...) exorta os bispos e todas as pessoas da Igreja aqui reunidas para celebrarem o concílio universal que pretende louvar sempre Deus (...). Os bispos devem ser irrepreensíveis, sábios, castos e bons dirigentes de seus bispados. O Concílio pede que cada um seja sóbrio em sua mesa e coma pouca carne, também é preciso que se acostume a não falar de assuntos ociosos durante as refeições. O Concílio ordena leituras santas e que cada um instrua seus empregados a não semearem a discórdia, não beberem e não serem imorais,

não serem ambiciosos, arrogantes ou blasfemadores. Que logo abandonem os vícios e sigam as virtudes. Que nas roupas e no vestuário e em todos os atos, eles sejam honestos, como convém a um ministro de Deus.”

Segunda sessão do Concílio de Trento, 6 de janeiro de 1566. Citado em ARTOLA, M. *Textos fundamentais para la Historia*. Madrid: Alianza, 1985.

- O que decidiu o Concílio de Trento nessa sessão?
- O que isso lhe faz pensar sobre o comportamento do clero antes dessas decisões do Concílio?

Texto E

Os ideais jesuíticos

“Quem quer que deseje ser um guerreiro de Deus sob a bandeira da cruz, em nossa companhia que leva o nome de Jesus, para servir somente a Deus e seu vigário na terra, o Pontífice Supremo, deve, depois de tomar o solene voto de castidade perpétua, dedicar-se a propagar a fé através da pregação pública, dos exercícios espirituais, das

obras piedosas e, particularmente, da educação religiosa das crianças. (...) Se o papa nos mandar para aperfeiçoamento das almas ou a propagação da fé entre os turcos ou outros infiéis (...), devemos obedecer sem desculpas.”

Juramento dos jesuítas sob o signo do papa Paulo III, 1599. Extraído de Coleção de Documentos Históricas para o 1º Grau. São Paulo: SE, CENP, 1990, p. 62

- A que companhia refere-se o documento?
- A quem os jesuítas obedecem?
- Quais eram as obrigações dos jesuítas?

VOCABULÁRIO

apiedar-se: tratar com piedade, dó ou compaixão.

transgressão: infração, violação.

redimir: salvar, livrar das penas do inferno.

retintim: som de instrumentos metálicos.

exortar: aconselhar, induzir, encorajar.

irrepreensível: correto, perfeito.

casto: puro, inocente, que não mantém relação sexual.

blasfemador: aquele que profere palavras

Reflexos

d) O concílio pede que cada um seja sóbrio em sua mesa e coma pouca carne, também é preciso que não se acostume a não falar de assuntos sérios durante as refeições.

O concílio ordenava leituras santas e que cada um instrua seus empregados a não começarem a discórdia, não bebam e não riem, mortais.

b) Que todos os padres ou pessoas da igreja católica gastavam dinheiro com festas, mulheres e bebidas.

Auditor Reberio Bonferroni nº 04

Resposta

Companhia Jesus. e

A papa e

Dedicou-se a propagar a fé através da pregação pública, dos exercícios espirituais, das obras piedosas e particularmente, da educação religiosa das crianças